



LÚCIA ALENCASTRO VALENTIM – TRAJETÓRIAS PESSOAL E PROFISSIONAL NA ARTE EDUCAÇÃO BRASILEIRA (1921-1982)

LÚCIA ALENCASTRO VALENTIM – PERSONAL AND PROFESSIONAL TRAJECTORIES IN BRAZILIAN ART EDUCATION (1921-1982)

Sílvia Maria Monteiro Alves Gonzaga¹

Universidade do Estado de Minas Gerais - UEMG

Marilene Oliveira Almeida²

Universidade do Estado de Minas Gerais - UEMG

RESUMO

A análise de conteúdo descritiva, de base documental, objetivou investigar a trajetória pessoal e profissional da arte educadora Lúcia Alencastro Valentim (1921-?) e suas relações com a psicóloga e educadora russo-brasileira Helena Antipoff (1892-1974). Lúcia é autora de três desenhos (1957) que compõem a minipinacoteca do Museu Helena Antipoff (Ibirité, MG). O percurso metodológico constituiu-se de levantamentos sobre a artista na plataforma Google e no acervo documental do Museu com base nos termos Lucia Alencastro e Lucia Valentim. Os dados preliminares demonstraram a necessidade de se elaborar um dossiê para a sistematização da biografia da artista, que se tornou uma das pioneiras no campo da Arte Educação no Brasil, tendo se formado em no Brasil e exterior. Identificada como cofundadora da Escolinha de Arte do Brasil (EAB/RJ) (1948), junto com Augusto Rodrigues (1913-1993) e outros colaboradores, entre eles, Helena Antipoff, Lúcia coordenou o Centro Experimental de Arte na Educação (CEAE/UnB) e o Programa de Desenvolvimento Integrado de Arte Educação (PRODIARTE/MEC). Espera-se que os resultados alcançados contribuam para lançar luzes sobre a trajetória pessoal e profissional da arte educadora, cujas experiências formativas e profissionais a oportunizaram cultivar extensa relação de amizade e trocas de saberes com Helena Antipoff.

Palavras-Chave: Lúcia Valentim. Helena Antipoff. Escolinha de Arte do Brasil. Centro Experimental de Arte na Educação. PRODIARTE.

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Artes - Universidade do Estado de Minas Gerais. Apoio: Programa de Bolsas de Pós-Graduação UEMG (PROBPG/UEMG). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1078053118802132>.

² Doutora em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG. Professora da Escola Guignard/UEMG; Programa de Pós-graduação de Artes - PPG Artes/UEMG e Museu Helena Antipoff, seção Ibirité, Minas Gerais - Centro de Pesquisa e Documentação Helena Antipoff CDPHA. Apoio: Programa de Produtividade em Pesquisa UEMG (PQ/UEMG). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9929558773100773>.





ABSTRACT

The descriptive content analysis, based on documentary, aimed to investigate the personal and professional trajectory of the art educator Lúcia Alencastro Valentim (1921-?) and her relationships with the Russian-Brazilian psychologist and educator Helena Antipoff (1892-1974). Lúcia is the author of three drawings (1957) that make up the mini-pinacoteca of the Helena Antipoff Museum (Ibirité, MG). The methodological path consisted of surveys of the artist on the Google platform and the documentary collection of the Museum based on the terms Lucia Alencastro and Lucia Valentim. The preliminary data demonstrated the need to elaborate a dossier for the systematization of the biography of the artist, who became one of the pioneers in the field of Art Education in Brazil, having graduated in Brazil and abroad. Identified as co-founder of Escolinha de Arte do Brasil (EAB/RJ) (1948), along with Augusto Rodrigues (1913-1993) and other collaborators, among them, Helena Antipoff, Lúcia coordinated the Experimental Center for Art in Education (CEAE/UnB) and the Integrated Development Program of Art Education (PRODIARTE/MEC). It is expected that the results achieved contribute to shed light on the personal and professional trajectory of the art educator, whose formative and professional experiences gave her the opportunity to cultivate an extensive relationship of friendship and exchanges of knowledge with Helena Antipoff.

Keywords: Lúcia Valentim. Helena Antipoff. School of Art of Brazil. Experimental Center of Art in Education. PRODIARTE.

1. INTRODUÇÃO

Este artigo traz um recorte da pesquisa de mestrado intitulada Virtualização do Acervo Artístico do Museu Helena Antipoff: Mediação Estética no Ensino Aprendizagem das Artes Visuais em desenvolvimento no Programa de Pós-Graduação em Artes pela Universidade do Estado de Minas Gerais (PPGARTES - UEMG). O enfoque concentrou-se em investigar a trajetória pessoal e profissional (1921-1982) da artista e educadora Lúcia Alencastro Valentim de Souza (1921-?) e compreender as relações estabelecidas com a psicóloga e educadora russo-brasileira Helena Antipoff³ (1892-1974). Lúcia Alencastro é autora de três desenhos (1957) que compõem o acervo artístico da minipinacoteca do Museu Helena Antipoff, localizado em Ibirité, na Fundação que leva o nome da educadora.

O percurso metodológico constituiu-se de levantamento preliminar, na plataforma Google, tendo sido definidos para as buscas os termos Lucia Alencastro e Lucia Valentim. Os resultados preliminares revelaram a quase inexistência de dados sistematizados sobre a biografia da artista. Os documentos e sites localizados indicaram algumas referências pontuais em textos sobre Arte Educação, sendo artigos de Ana Mae Barbosa (1936-), documentos da Escolinha de Arte do



Brasil (1948/Rio de Janeiro), onde Lúcia Alencastro trabalhou na década de 1950, sobre artistas conceituados, entre eles, Augusto Rodrigues⁴ (1913-1993) e Rubens Valentim (1922-1991), com quem foi casada. Por outro lado, um documento⁵ datilografado, intitulado Centro Experimental de Arte na Educação, de 1969, evidenciou importantes dados sobre a atuação da arte educadora na Universidade de Brasília. Há registros sobre sua atuação no Ministério da Educação (MEC) nas décadas de 1970 e 1980.

Ademais, realizou-se também busca no acervo documental do próprio Museu Helena Antipoff, apurando-se a existência de correspondências e propostas de Arte Educação elaboradas e realizadas por Lúcia Alencastro que indicam ter havido uma relação profissional e de amizade duradoura entre as educadoras. A análise de conteúdo descritiva, de base documental, privilegiou a organização dos dados para a escrita deste artigo.

As contribuições teóricas de Michelle Perrot (2005) ajudaram a compreender a lacuna de publicações científicas sobre a trajetória de Lucia Alencastro Valentim como uma das pioneiras no campo da Arte Educação no Brasil. Para a autora, a “deficiência dos traços relativos às mulheres e que dificulta tanto a apreensão no tempo” é um dos elementos que contribuem para as ausências, ocultamentos e esquecimentos do protagonismo feminino na narrativa histórica (PERROT, 2005, p. 11). Segundo a historiadora da condição feminina, alguns registros contribuem para a construção de uma representação social das mulheres como coadjuvantes, assistentes, auxiliares, colaboradoras de figuras masculinas reconhecidas. Outros, denotam também personificações femininas estereotipadas ou antagônicas, tais como loucas, histéricas, demoníacas, santas, anjos, serpentes etc., como destacado no trecho a seguir:

[...] os escrivães da história – administradores, policiais, juízes ou padres, contadores da ordem pública – tomam nota de muito pouco do que tem o traço das mulheres. [...] se o fazem, quando observam a presença feminina em uma reunião ou manifestação, recorrem aos estereótipos mais conhecidos: mulheres vociferantes, megeras a partir do momento em que abrem a boca e histéricas, assim que começam gesticular [...] (PERROT, 2005, p. 33).

Imbuídas das reflexões de Perrot (2005), observa-se a necessidade de estudos e publicações que localizem o lugar de destaque e mérito ainda não atribuídos à Lúcia Alencastro na área da Arte Educação brasileira. Reitera-se seu relevante papel, já reconhecido, como cofundadora da Escolinha de Arte do Brasil (EAB), juntamente com Augusto Rodrigues e outros artistas e educadores colaboradores, entre eles, Helena Antipoff.



Assim, na intenção de sistematizar informações e registros inéditos, este artigo lança luzes sobre os dados levantados para construção de uma biografia contextualizada. Para tanto, o texto divide-se em outras duas seções, além desta INTRODUÇÃO. Em ASPECTOS BIOGRAFICOS E TRAJETÓRIAS NA ARTE EDUCAÇÃO (1935-1982), revelam-se traços sobre a vida e obras de Lúcia Alencastro, abordando sua trajetória pessoal e vivências na Arte Educação. Apresentam-se a atuação e contribuições da biografada como professora de arte e responsável pelo comando da área no Ministério da Educação (MEC), em Brasília. Por fim, nas CONSIDERAÇÕES FINAIS, retomamos a questão, ainda em aberto, que motivou a escrita deste artigo: o porquê da invisibilidade de Lúcia Alencastro Valentim nas publicações sobre os fundamentos da Arte Educação brasileira.

2. ASPECTOS BIOGRÁFICOS E TRAJETÓRIAS NA ARTE EDUCAÇÃO (1921-1982)

Figura 1- Lúcia Alencastro Valentim de Souza, dec. 1980



Fonte: Imagem editada. Original em: https://api.almeidaedale.com.br/uploads/Rubem_Valentim.pdf

Lúcia Alencastro Valentim de Sousa, com nome de registro⁶ Lúcia de Alencastro Guimarães, nasceu aos 12 de fevereiro de 1921, em Alegrete, Rio Grande do Sul, sendo filha do General Antônio de Alencastro Guimarães e de Alzira Bicca de Alencastro. A data de seu falecimento



(1996) fora mencionada em apenas um dos sites⁷ consultados, sem confirmação em outras fontes.

Consta que Lúcia Alencastro frequentava a Fundação Osório⁸, escola para as órfãs dos militares brasileiros, onde teve a oportunidade de participar de experiências de formação em arte com um grupo de crianças e adolescentes. Essas experiências objetivavam conhecer sobre elementos formais das artes plásticas, tais como o senso da linha, a expressão criativa e o valor do colorido. Durante os anos em que permaneceu naquela instituição como aluna, Lúcia recebeu influências do mestre Alberto da Veiga Guignard⁹ (1896-1962), que lecionava desenho na instituição desde 1935 (MEC/INEP, 1980).

Em 1944, Lúcia Alencastro concluiu o curso completo de Pintura, Escultura e Gravura na Escola Nacional de Belas Artes da Universidade do Brasil, então capital Rio de Janeiro, Estado da Guanabara. Na época, o curso dava direito a registro de professor, o que a oportunizou retornar à Fundação Osório como professora de desenho para substituir Guignard, convidado a fundar uma Escola Livre de Arte, em Belo Horizonte, Minas Gerais. A substituição teria proporcionado a Lúcia Alencastro sua primeira experiência com crianças no campo da Arte Educação, conforme depoimento da própria artista registrado por Azevêdo (2021).

Na Fundação Osório, a artista conheceu Augusto Rodrigues que, juntamente com um grupo informal de professores, articulava discussões sobre Arte Educação. Com objetivo inicial de estudar o desenvolvimento das crianças e experimentar técnicas livres de arte, os professores, juntamente com Augusto Rodrigues, a escultora estadunidense Margareth Spence (1914-?) e Lúcia Alencastro deram origem à escola, ainda sem nome. Mais tarde, teria sido batizada carinhosamente de Escolinha pelas próprias crianças. A Escolinha de Arte do Brasil iria consolidar-se pelo Brasil e exterior, a partir dos encontros semanais que aconteciam nos corredores da Biblioteca Castro Alves, no Instituto de Previdência e Assistência Social dos Servidores de Estado – Ipase/RJ (ALMEIDA, 2017; AZEVÊDO, 2001; LIMA, 2019).

Consta que Lúcia Alencastro frequentava a Sociedade Pestalozzi do Brasil¹⁰, no Rio de Janeiro, desde 1947. Zoé Chagas Freitas (1920-2015), uma das ex-presidentes da instituição, comenta que conheceu Lúcia no curso A Recreação Infantil, ministrado por Helena Antipoff, ocasião em que a artista fora convidada por Augusto Rodrigues para atuar junto com ele no curso. Freitas (2006) relata, ainda, que a jovem artista passou a substituí-lo nos eventos em que Rodrigues esteve impossibilitado de participar. Lúcia passou, então, a ser seu braço direito na EAB, uma



escola aberta, livre, com oportunidade de criação e expressão para que as crianças pudessem ser felizes. Na função de vice-diretora, e com o auxílio do gravurista Oswald Göeldi (1895-1961), Lúcia Alencastro esteve à frente da EAB durante a estada de Augusto Rodrigues na Europa. Em 1953, o artista havia recebido prêmio de viagem ao exterior na categoria desenho. Antes mesmo de viajar, Rodrigues atualiza-se sobre as novidades da arte na educação, especialmente, sobre as teorias do britânico Herbert Read (1893-1968) (ARTE & EDUCAÇÃO, 2006).

Em 1952, havia sido oficializada em Assembleia Extraordinária, mediante estatuto, a ampliação das finalidades da Escolinha de Arte do Brasil, prevendo-se oferecer Cursos de orientação e formação de professores. Depois de dois anos na Inglaterra, Rodrigues retorna de Londres convicto de seu desejo anterior de organizar um Curso Intensivo de Arte na Educação (CIAE) para formar professores. Na ocasião, Augusto convida a professora da Escolinha de Arte do Recife (1953), Noêmia Varela, para dirigir o curso. Naquele mesmo ano, Lúcia Alencastro desvincula-se da coordenação da EAB, permanecendo apenas como colaboradora da instituição, especialmente depois do Curso Intensivo de Arte na Educação, criado em 1961. Até 1963, além de continuar colaborando como docente em cursos de iniciação ou especialização de professores em arte na própria na Escolinha de Arte do Brasil, Lúcia atuou também na Escola Guatemala, estabelecimento da rede municipal de ensino do Rio de Janeiro (ARTE & EDUCAÇÃO, 2006; LIMA, 2019).

Lúcia Marques Pinheiro (1916-?), era a responsável pela organização e coordenação dos cursos oferecidos pelo Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos¹¹ (INEP) naqueles tempos. Seu relatório sobre o trabalho de arte da EBA, com parecer favorável, fez com que a instituição impulsionasse a realização de estágios de professores em ensino de arte. Com anuência do então diretor do INEP, Anísio Teixeira (1900-1971), a EAB estabeleceu parceria com o INEP, tendo sido oferecido, em 1954, o Curso de Atividades Artísticas para Professores, e em 1955, o curso de Teatro Escolar para professores de diversos estados brasileiros. (AZEVEDO, 2001; LIMA, 2019).

Conforme consta em seu Currículo Vitae, em setembro de 1957, Lúcia Alencastro embarca para os Estados Unidos para aprimorar sua formação, tendo cursado o *Elementary Education*, na *Indiana University*, e o *Technical Cooperative Program in the Field of Art Education*, mantido pela *International Cooperation Association* (ICA) (CEAE, 1969). Correspondências entre



Lúcia e Helena Antipoff, encontradas no acervo do Museu que guarda os pertences da educadora, datadas do período em que a artista se manteve nos Estados Unidos (1957-1958), revelam a existência de uma relação de amizade e de trocas de saberes entre as duas sobre suas respectivas áreas de especialização. Em carta de 29 de setembro de 1957, à amiga e colaboradora, Lúcia esclarece que a *Indiana University* era mantida pelo governo americano para receber estudantes estrangeiros e relata sobre dificuldades com a língua inglesa para frequentar os cursos no momento em que chega ao país. Aspectos dessa relação serão retomados no item a seguir.

2.1 APROXIMAÇÕES COM O UNIVERSO ARTÍSTICO E ACADÊMICO

Em 25 de março de 1961, Lúcia Alencastro casou-se com o artista plástico e professor de arte brasileiro Rubem Valentim (1922-1991). Pintor, escultor, gravador, Rubens foi uma das grandes referências no construtivismo brasileiro. O casal viajou para a Europa 1963, Lúcia havia recebido bolsa de estudos custeada pelo governo Inglês para cursar a *Bath Academy of Art*, em Londres, onde desenvolveu seu projeto formativo no campo da Arte Educação. Permanecendo na Europa até 1966, Lúcia teve a oportunidade de participar de seminários e conferências em outros países na área da Arte Educação. Em meados de 1967, depois que retornaram ao Brasil, Lúcia e Rubens teriam se mudado para a nova capital brasileira, no Distrito Federal, quando a artista se vinculará, profissionalmente, ao Instituto Central de Artes da Universidade de Brasília (UnB).

Helena Antipoff, em outubro de 1966, escreveu ao reitor da Universidade de Brasília, Carlos Correa de Alencar (diretor do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos), solicitando a cessão da professora Lúcia Alencastro Valentim para colaborar em Programa de Ensino de Arte para os superdotados. A experiência seria realizada na Sociedade Pestalozzi do Brasil, no Rio de Janeiro, e na Sociedade Pestalozzi de Minas Gerais, em Ibirité. No mesmo mês do respectivo ano, o diretor respondeu por carta a Helena, acusando recebimento e deliberando positivamente sobre o pedido de Antipoff.

De acordo com seu Currículo Vitae, em abril de 1967, Lúcia Alencastro havia sido contratada pela Faculdade de Educação para coordenar a Escolinha de Arte da Universidade de Brasília, tendo atuado como professora colaboradora. Sua contratação estaria condicionada ao compromisso de apresentação da tese de Doutorado no menor curto prazo possível. Tendo como primeira tarefa apresentar um estudo de reestruturação da Escolinha de Arte, Lúcia



elaborou um plano para a criação do Centro Experimental de Arte na Educação (CEAE). O novo Centro foi vinculado à Faculdade de Educação/UnB, aos níveis dos Centros de Ensino Primário e Médio e do Departamento do Instituto Central de Artes, com objetivos de formar professores de Artes, oferecendo um currículo flexível para atender as preferências individuais (CEAE, 1969).

Em carta para Helena Antipoff enviada em 20 de novembro de 1969, Lúcia Alencastro contextualiza as turbulências que ocorriam na UnB àquela época. Tais informações relatadas na correspondência coincidem com os dados da documentação do Centro Experimental de Arte na Educação elaborado por Lúcia (CEAE, 1969). O fato é que a proposta de reestruturação implementada por Lúcia Valentim na UnB sofre profundas alterações, uma delas teria sido a remoção do pessoal da Escolinha de Arte para a reitoria. Com as mudanças, o Centro Experimental de Arte na Educação da Faculdade de Educação teria sido transferido para a diretoria de assuntos comunitários, passando a ter a função de atender os filhos de professores e funcionários da UnB. Em 19 de agosto de 1969, Lúcia é dispensada da Universidade de Brasília (CEAE, 1969). Na mesma carta endereçada à Antipoff, Lúcia manifesta seu descontentamento sobre os acontecimentos, informando detalhes sobre o desmonte da Faculdade de Educação da UnB.

Segundo artigo de Ana Mae Barbosa (2019) intitulado Mulheres não devem ficar em silêncio: Arte, design, educação, já em fins da década de 1980, Lúcia Alencastro não teria mais voz no Ministério da Educação na área da Arte Educação. Perseguindo tal informação, buscou-se investigar, nos documentos levantados, o período de atuação de Lúcia no Ministério de Educação, em Brasília.

Em meados de 1973, Lúcia publica texto na Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos com o seguinte título Centro Experimental de Arte na Educação. A publicação apresentou um relato do movimento de educação através da arte e sua repercussão no Brasil com a Criação das Escolinhas de Arte. No artigo, a artista caracterizou a educação criadora como formação do homem para o desenvolvimento máximo de suas potencialidades. Aquela formação habilitaria o homem a viver criativamente, a perceber, sentir, imaginar, selecionar e expressar o melhor, de modo a contribuir para o progresso social. Lúcia relatou, ainda, o processo de criação e objetivos de funcionamento do Centro Experimental de Arte na Educação na Universidade de Brasília. No texto, relata e analisa as atividades e estrutura do CEAE, que constava dos



seguintes setores: de cursos, infanto-juvenil, de estudos e pesquisas, de divulgação e intercâmbio.

É importante ressaltar que, entre 1964 e 1974, o Brasil passava por um período de forte repressão política, quando se proibida qualquer forma de expressão ou manifestação de ideias contrárias ao poder instituído, ou que representassem uma ameaça ao regime vigente. Como consequência, o ensino da arte entrou em estado de indigência. Diante daquele cenário, o MEC teria criado, em 1977, o Programa de Desenvolvimento Integrado de Arte Educação (PRODIARTE). Dirigido por Lúcia Valentim, tendo como objetivo integrar a cultura da comunidade com a escola, por meio do PRODIARTE, estabeleceu-se convênios com órgãos estaduais e universidades (BARBOSA, 2003).

Em 1982, ano em que se realizaria o último PRODIARTE em Brasília, atuando como Gerente Nacional na época, Lúcia Valentim dimensiona o panorama e perspectivas do Programa para a área da Arte Educação:

Esta série de Encontros, realizada pela primeira vez nas dependências do MEC, foi plena de afirmações e mais uma vez confirmou a coerência das propostas do PRODIARTE com as prioridades e as diretrizes traçadas pelo III PSECD - Plano Setorial de Educação, Cultura e Desporto. A realização dos Encontros na sede deste Ministério teve a vantagem de facilitar a participação de técnicos de vários de seus órgãos, interessados em conhecer o trabalho do PRODIARTE.

O Programa dinamizou-se num contexto amplo de raízes culturais; preocupado com a compreensão da arte em sua força criadora e com a valorização das pessoas que viveram o trabalho dando continuidade e aprofundamento ao processo.

Percebe-se que estamos diante de um levantamento da realidade atual do PRODIARTE a ser pesada, refletida, em decorrência de todo o seu potencial de transformação que já desponta. A responsabilidade de todos nós é maior e cada vez mais está a exigir a melhoria da qualidade profissional de todo o pessoal, assim como das ações pedagógicas do PRODIARTE (PRODIARTE, 1982, p. 147).

Sabe-se que se intensificará a discussão sobre a importância da educação de base no panorama econômico, social e político brasileiro a partir da década de 1980. Entrará em pauta, especialmente, mudanças estruturais no campo da Arte Educação com a regulamentação da nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBN 9.394, promulgada em 1996. Contudo, não cabe abrimos essa discussão no escopo deste artigo.

Assim, caminhando para nossas conclusões, chamamos mais uma vez a atenção para o debate em torno do lugar feminino na narrativa histórica. De acordo com dados obtidos, a partir da década de 1980, prevalecem informações sobre Lúcia Alencastro em textos sobre a vida e obra de Rubem Valentim. Observam-se as circunstâncias de seu esposo ter adoecido em meados de



1982 e falecido em 1991. Os fatos e documentos apontam para uma enorme cumplicidade entre o casal Lúcia Valentim e Rubem Valentim. Conforme se observa nas correspondências de Lúcia enviadas à Antipoff, a artista sempre reporta sobre as novidades em relação ao esposo. Um detalhe interessante é que Lúcia sempre terminava as cartas subscrivendo-as, também, em nome do esposo. Portavam-se como companheiros e amigos, e Lúcia sempre esteve presente nos eventos e premiações do artista. Supõe-se que Lúcia, entre 1982 e 1991, tenha se afastado das atividades profissionais para se dedicar aos cuidados com o esposo. Este que apesar da doença, seguiu apresentando sua arte e tentando alcançar um grande sonho: abrir seu próprio Centro para exposição de suas obras (FONTELES, BARJAS, 2001).

Diante do levantamento preliminar para escrita deste artigo, percebe-se uma lacuna de escritos sobre Lúcia Valentim após 1982 até os dias atuais. No período, as menções ao nome da artista e educadora são mais recorrentes em textos direcionados ao esposo Rubem Valentim. Nada se soube sobre o fato de a artista ter falecido ou não. Conforme já mencionado, não foi possível confirmar a data de 1996 como ano de morte de Lúcia Valentim. Teria sido mesmo este o ano da sua morte? Um dos textos levantados, referentes aos trabalhos de arte de Rubem Valentim, anuncia-se uma data que coloca em dúvida o ano de 1996 mencionado. No site do Museu de Arte Moderna da Bahia (MAM-BA), relata-se o evento de reinauguração do Espaço Rubem Valentim. Segundo o referido texto, na ocasião, Lúcia Valentim teria doado a série de obras Templo de Oxalá para a exposição, realizada em 1997. Portanto, nossas buscas continuam em aberto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da pesquisa para escrita deste artigo, constatou-se ser Lúcia Alencastro Valentim de Souza filha de pai general. Este fato explicaria ter sido estudante na Fundação Osório, que destinava a crianças e adolescente órfãs e filhos de militares. Lá, Lúcia teria recebido influências do mestre Guignard, seu professor de Desenho, o que pode ter despertado seu interesse em cursar Desenho na Escola de Belas Artes do Rio de Janeiro. Em sua trajetória, aprimorou seus estudos em arte, tornando-se uma das cofundadoras da Escolinha de Arte do Brasil e figura de destaque na área da Arte Educação.



Em suma, Lúcia Valentim era uma mulher atualizada com as novidades e orientações educacionais de sua época, teve papel relevante para as propostas de ensino e aprendizagem das artes, apesar de parecer pouco referenciada nas narrativas históricas. Por Helena Antipoff cultivou uma relação de trocas de saberes e grande amizade, estendida ao casal Valentim. Tal convivência, provavelmente, impactou o empenho e dedicação da artista para tornar-se uma das pioneiras no campo da Arte Educação brasileira. Contudo, o aparente apagamento de sua história norteará a continuação desta pesquisa.

³ Para maior aprofundamento na trajetória biográfica, intelectual e profissional de Helena Antipoff, consultar estudos de Regina Helena de Freiras Campos e o site do CDPHA, em: <https://cdpha.pro.br/>.

⁴ Para maiores informações, consultar: <https://rodriguesgaleria.com.br/categoria/artistas/augusto-rodrigues/>.

⁵ Curriculum Vitae, extraído do documento disponível em:

http://imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/br_dfanbsb_aa1/0/ada/0022/br_dfanbsb_aa1_0_ada_0022_d0001de0001.pdf. Acesso em 22 jun. de 2023.

⁶ Disponível em: <https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:3Q57-89G7-NN94?view=index>. Acesso em 22 jun. de 2023.

⁷ Disponível em: <http://www.opapeldaarte.com.br/Artistas/Augusto%20Rodrigues?pa=1>. Acesso em 12 ago. de 2023.

⁸ Para maiores informações, consultar: <https://www.fosorio.g12.br/index.php?fosorio=sintesehistorica>.

⁹ Para maiores informações, consultar: <https://www.guignard.com.br/biografia>.

¹⁰ A Sociedade Pestalozzi do Brasil (SPB) foi criada por Helena Antipoff e colaboradores em 1945, no Rio de Janeiro, com a finalidade promover o estudo, assistência, educação e integração social das pessoas com deficiência, nos mesmos moldes da Sociedade Pestalozzi de Minas Gerais, criada em 1932, em Belo Horizonte.

¹¹ Atualmente, Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Para saber sobre as mudanças históricas do INEP, consultar: <http://portal.inep.gov.br/institucional-historia>.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Marilene Oliveira. *As vozes de Helena Antipoff e Augusto Rodrigues no ensino de arte*. Belo Horizonte: SC Literato, 2017.

AZEVÊDO, Fernando Antônio Gonçalves de. *Movimento Escolinha de Arte: em cena memórias de Noemia Varela e Ana Mae Barbosa*. 2001. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001. Acesso em: 24 jul. de 2023.

BARBOSA, Ana Mae. *Mulheres não devem ficar em silêncio: arte, design, educação*. Editora Cortez, 2019.

BARBOSA, Ana Mae. Arte Educação no Brasil: do modernismo ao pós-modernismo. *Revista Digital Art&* - Número 0, out. de 2003. Disponível em: <http://www.revista.art.br/>. Acesso em: 15 jun. de 2023.

CAMPOS, Regina Helena de Freitas. *Helena Antipoff psicóloga e educadora: uma biografia intelectual*. Rio de Janeiro: Fundação Miguel de Cervantes, 2012. (Coleção Memória do saber).





FONTELES, Bené; BARJA, Wagner. *Rubem Valentim*: artista da luz. São Paulo: Pinacoteca do Estado, 2001. p. 27-31.

MUSEU AFROBRASIL. *Rubem Valentim* – Comentários do Artista. Disponível em: www.museuafrobrasil.org.br/pesquisa/indice-biografico/lista-de-biografias/biografia/2014/12/02/rubem-valentim-comentarios-do-artista Acesso em: 15 jun. de 2023.

MUSEU AFROBRASIL. *Rubem Valentim*. São Paulo: Secretaria de Cultura e Economia Criativa, [S.D.]. Disponível em: www.museuafrobrasil.org.br/pesquisa/indice-biografico/lista-de-biografias/biografia/2016/11/01/rubem-valentim. Acesso em: 20 jun. de 2023.

PRODIARTE. Programa de Desenvolvimento Integrado de Arte na Educação. Coord. Lúcia Valentim. Relatório dos Encontros de Cooperação Técnica PRODIARTE. Brasília: Ministério da Educação e Cultura, 1982.

RODRIGUES, Augusto. Uma experiência criadora na educação brasileira. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, v. 59, n. 130, p. 251-256, jul./set., 1973.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO/INEP. *Escolinha de Arte Tio Brasil*. Coord. Augusto Rodrigues. Rio de Janeiro: MEC/INEP, 1980.

PERROT, Michelle. *As Mulheres ou os Silêncios da História*. Bauru: Edusc, 2005.

VALENTIM, Lúcia Alencastro. Centro Experimental de Arte na Educação. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Rio de Janeiro, v. 59, n.132, p. 593-607, out./dez., 1973.